



A ELABORAÇÃO BINÁRIA ATRAVÉS DE TERMOS QUE TORNAM O SER SUBALTERNO

SIMÕES, Amanda Oliveira¹ (amandasimoes10@hotmail.com)

¹Discente do curso de Direito da UFGD.

O presente descritivo trata-se da criação do que se entende por modernidade, considerando sinônimo de colonialidade, e por assim ser, maestro de tudo o que é estabelecido no século XVI a partir da compreensão europeia e introduzido ao modo de vida das colônias, impondo o binarismo: o que se tem na metrópole é correto e o “outro” é o incorreto, atribuindo o entendimento de duas facetas possíveis, certo e errado. A sociedade em si, tendo em vista essa lógica ocidental, necessita do lado fraco, subdesenvolvido e desinformado para que tenha o forte, desenvolvido e detentor do conhecimento. Esse sentido binário estabelece a necessidade de dois gêneros, a colonialidade sobre eles dita que tenha o superior e o inferior, aquele traduz homens, este diz respeito às mulheres. O ideal na formação do indivíduo em ífero perpassa pela colonialidade ontológica, ou seja, sente-se indigno e assim é estabelecida a colonialidade sobre a mulher: induz a autoatribuição do papel de inferior. A partir dessa realidade, desdobra-se na demonstração da linha temporal na evolução dos direitos femininos na sociedade em que o masculino é universal; perpassando por dispositivos legais, como o marco constitucional que em seu art. 5º, inciso I equivale ambos os gêneros; conhecendo, portanto, os traços que determinaram a realidade normativa e social no sentido a equivaler as possibilidades de gênero definidas pelo colonizador. O objetivo da presente pesquisa é estabelecer os termos determinísticos para a submissão delas frente à dialética social, sem esquecer as buscas por direitos visando diminuir essa disparidade. O método implicado é dedutivo procedendo pela pesquisa bibliográfica para analisar a colonialidade do ser e quais lutas surgiram na busca para equivalência. Resultando na busca da desconstrução dessa imagem colonizada da sociedade, que atua como implementação para significação dos indivíduos, tendo por resultado um contexto social dualista como base para estruturação da imagem de homem e mulher, superior e inferior. Compreender como enfrenta algumas dessas imposições através dos conceitos de luta apresentados pelo colonizador, fazendo desta uma enorme estrutura, sem deixar de ser cada rompimento uma rachadura, a grande obra inacabada que aprisiona o ser. Nesse sentido, é um projeto Europeu a imposição de duas possibilidades: certo e errado, este significa tudo não originário da matriz ocidental. Quando existem tais caminhos, sempre um é melhor e, conseqüentemente, outro traduz o ruim, nessa perspectiva sobre os seres, o feminino traduz o segundo e então trava batalhas com as regras do próprio sistema, impondo a elas padrões muito encaixotados e menosprezados, a busca da construção ao menos positivista da igualdade, para romper com o ideário dualista que persiste na realidade. Tentando afrouxar os laços com o colonizador que entrega a elas a compreensão de ser subalterno, considerando o que já tem de conquistado e no aspecto do que se vislumbra a construção.

Palavras-chave: colonialidade do ser; subalterno; dualismo.